

ALEGRAI-VOS SEMPRE NO SENHOR

Introdução à Carta aos Filipenses

Shigeyuki Nakanose*
Heloísa Silva de Carvalho

* professor de Sagrada
Escritura

Resumo:

Neste artigo, Nakanose e Carvalho apresentam inicialmente uma visão de conjunto da *estrutura das três cartas* presente na Carta aos Filipenses. Após o que, em linhas gerais, é apresentada a história de Filipos e suas principais características sociais. A partir de Atos, vemos o *surgimento* da comunidade cristã em Filipos – a partir de algumas mulheres – na periferia da cidade e as tensões internas que brotam da variedade social e cultural dos seus membros. Ao longo de toda a carta encontramos a *mensagem* que Paulo, a partir das suas circunstâncias, quer comunicar à Igreja em Filipos: ternura e amor, valor do sofrimento, o lugar do exemplo do Cristo, o valor da solidariedade, o cuidado com os *inimigos* etc. Apesar da tensão e dos desafios, Paulo deixa ao longo da carta um fio condutor que é a alma do cristão: a alegria.

Palavras-chave: Novo Testamento: Carta aos Filipenses; Carta aos Filipenses.

Abstract: In this essay, Nakanose and Carvalho, as a start point and in a broad vision present the *three letters structure* in the Philippians Letter. Alongside with this, they draw a synthesis of Philippi city main social features. Having in mind some information from Acts, we can see the *outbreak* of the Christian community at Philippi from some womens in the outskirts of the city

and the internal tensions due to the cultural and social varieties of its members. Throughout the Letter we get a *message* that Paul, from the place, i. e. prison, would like send to the church in Philippi: the meaning of love and tenderness, of the suffering, Christ example, the solidarity, and precaution with some *enemies* and so on. In spite of the tensions and challenges Paul lay down in the Letter a kind of Ariadne thread as the Christian soul: the joy.

Key Words: New Testament: Letter to the Philippians; Letter to the Philippians.

Introdução¹

Abrindo a Carta aos Filipenses, lemos:

*Deus me é testemunha de que vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus (1,8).*²

Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro (1,21).

Somente vivei vida digna do evangelho de Cristo,... (1,27a).

Cristo Jesus, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo (2,6-7a).

Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados! (3,2).

Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível (3,4b-6).

Mas o que era para mim lucro, tive-o como perda, por amor de Cristo (3,7).

Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! (4,4).

¹ Para um aprofundamento, veja-se NAKANOSE, S. – CARVALHO, H. S. de, *Alegrai-vos Sempre no Senhor: Entendendo a Carta aos Filipenses*. São Paulo, Paulus, 2009.

² Citações: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2002, nova edição revista e ampliada.

Essas frases são conhecidas. Nós as ouvimos muitas vezes, pois elas fazem parte das celebrações litúrgicas do nosso dia-a-dia, da nossa leitura e oração pessoal. Algumas estão gravadas na memória do nosso coração.

A Carta aos Filipenses foi escrita por Paulo em Éfeso, entre os anos 52 e 54 d. C. Um olhar mais atento ao lê-la nos leva a perceber rupturas na sua estrutura. Por exemplo, nos capítulos 1,1-3,1a, o texto apresenta uma continuidade de estilo e de conteúdo parecendo que tudo foi escrito num mesmo período. O tom desses capítulos é suave, alegre, afetivo.

No entanto, no capítulo 3,1b-21 acontece uma diferença em relação ao que foi escrito anteriormente; o assunto muda e não há conexão com o que fora escrito. O tom da carta passa a ser agressivo, e Paulo alerta a comunidade contra possíveis adversários.

A ruptura é perceptível em 4,10-20. Nesses versículos Paulo agradece por um donativo recebido e não fica claro por que o apóstolo espera o fim da carta para agradecer, uma vez que seus sentimentos de gratidão são tão fortes no texto. Esses dez versículos parecem fazer parte de um bilhete escrito às pressas, logo após o recebimento do donativo feito pelos filipenses.

Três cartas numa só?

Tais constatações nos levam a supor que os redatores finais da carta juntam as correspondências de Paulo para os cristãos de Filipos, colocaram uma só saudação, uniram as conclusões e saudações finais de forma que o texto aparecesse como única carta. Nesta reflexão, adotaremos a hipótese de três cartas, com a seguinte divisão:

Carta A: 4,10-20.

Seria a carta mais antiga. Paulo está preso e a comunidade de Filipos envia-lhe ajuda pessoal e financeira. Naquele período como hoje, os prisioneiros eram abandonados pelas pessoas mais próximas e passavam necessidades. Paulo, que não tem costume de aceitar ajuda econômica das comunidades, abre uma exceção por se tratar da comunidade de Filipos. Logo após a chegada de Epafrodito trazendo ajuda, Paulo teria escrito esse bilhete de agradecimento.

Carta B: 1,1-3,1a; 4,2-9.21-23.

Carta posterior à carta A. Paulo ainda está preso. O conteúdo desses capítulos é a perseguição que ele sofre por causa da boa nova de Jesus e a divisão que existe na comunidade. O conhecido *hino cristológico* está nessa segunda carta (2,6-11).

Carta C: 3,1b-4,1.

Última carta. Nesses versículos vemos uma mudança de tema e uma alteração no tom adotado. Paulo não fala mais como alguém que está na prisão, mas como alguém que adverte a comunidade contra possíveis adversários. Provavelmente são os missionários judeu-cristãos que anunciam um Jesus de milagres e triunfos, diferente do de Paulo; aqui Paulo é duro com esses adversários (3,18). A mensagem é a mesma da carta B: Não há outro Cristo a não ser o Jesus crucificado. O tom violento nos lembra a Segunda Carta aos Coríntios. Os adversários parecem ser os mesmos.

Com um olhar mais atento ao ler a carta, percebemos a ruptura na sua estrutura e também a existência de vários assuntos até antagônicos: agradecimento, relacionamentos de afeto e de amor; divisão, conflito, advertência. São os vários aspectos repletos da vida cotidiana da comunidade cristã de Filipos inserida no mundo greco-romano. Para compreender melhor a carta, vamos conhecer a cidade de Filipos na qual a comunidade nasce e se desenvolve.

A cidade de Filipos

O conjunto Fl 1,27-30 fala de sofrimento e inicia com uma expressão bem conhecida na sociedade greco-romana: *Levai uma vida de cidadão*, em grego *politeuesthe*, palavra que exalta uma conduta civil, conforme as normas estabelecidas pela *polis* grega. No contexto da cidade de Filipos, a expressão manifesta o orgulho dos filipenses pela colônia romana; eles possuem cidadania romana e desfrutam da organização socioeconômica do Império Romano. Por sinal, a cidade de Filipos adota o modelo romano: as instituições administrativas e judiciárias; a estrutura arquitetônica com seu teatro, biblioteca, fórum, banhos, aquedutos e templos; as ruas estão ligadas à Via Egnátia – importante rota romana,

que liga a Itália com a Turquia, a Europa com a Ásia; a presença permanente do exército romano, etc.

Por trás do orgulho e do apego dos filipenses ao Império Romano, há uma história. Em torno do ano 360 a. C., Filipe, pai de Alexandre, o Grande, conquista Krenides e dá a ela um novo nome em sua própria homenagem: Filipos. No ano 160 a. C. ela é conquistada pelos romanos, mas isso não a torna importante. É no ano 42 a. C. que Filipos entra para a história. Uma batalha realizada ali, entre as forças republicanas representadas por Brutus e Cassius de um lado, e as forças imperiais, que querem vingar a morte de César, representadas por Otávio e Antônio de outro, imortaliza a cidade. Estes, defensores do Império, vencem.

Anos depois, em 31 a.C., Otávio e Antônio deixam de ser aliados e entram em disputa. Otávio sai vencedor na batalha de *Actium* e para recompensar seus aliados, eleva Filipos à dignidade de Colônia: *Julia Augusta Philippensis*. Instala na cidade os veteranos das legiões romanas e, também, agricultores da Itália, dando-lhes grandes extensões de terra. Enquanto colônia, Filipos ganha autonomia diante do governo provincial; tem direito de regulamentar seus próprios assuntos cívicos e de cunhar suas próprias moedas.

Além disso, seus habitantes, com cidadania romana, podem desfrutar dos seguintes privilégios: comprar e vender propriedades; isenção aos tributos de impostos territorial e individual; usufruir da proteção da lei romana; não serem presos e nem sofrer açoites; direitos de apelar ao imperador em caso de julgamento.

Ainda que Filipos seja habitada por um grande número de romanos, em média 35% da população, nela há muitos gregos, sírios, macedônios e descendentes dos antigos moradores trácios e fenícios. Seus habitantes orgulham-se da cidade, de seus laços com Roma, de seguirem os costumes, obedecer às leis romanas e de se vestirem como romanos.

A cidade conta com terras férteis e com uma localização geográfica que contribuem para seu crescimento. Seu território, regado por diversas fontes, apresenta um solo sempre úmido e fértil, favorável à produção de diversos produtos, como trigo, uva, azeite e frutas. É possível, ainda, criar animais de pequeno porte e retirar madeira de suas florestas para a exportação. Além disso, a proximidade com o porto de Neápolis e com a via Egnátia faz da cidade importante via de acesso, uma vez que essa estrada liga o Oriente ao Ocidente, favorecendo o fluxo comercial.

A circulação de diferentes pessoas na região e a presença de moradoras/es de diversas origens culturais faz de Filipos uma cidade que apresenta forte diversidade religiosa. Do povo trácio, os filipenses recebem a prática de ritos de fertilidade, dedicados à deusa Bendis, também conhecida por Ártemis, pelos gregos. Marte é venerado como deus, tanto da agricultura como da guerra, sob o nome trácio de Mindrito, além de Silvano, um deus italiano dos campos e florestas. Outras divindades importadas do Oriente também são cultuadas: Ísis, principal protetora da cidade; Serápis, Asclépio, Mên e a grande deusa-mãe Cibele.

No sentido religioso, surge algo novo no chão da cidade de Filipos: uma comunidade cristã viva, sensível, solidária e que participa ativamente no trabalho de expansão da boa nova de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado.

A comunidade cristã de Filipos

O livro de *Atos* nos fornece informações sobre a comunidade cristã de Filipos: Paulo sai de Trôade acompanhado por Silas e Timóteo; atravessam o mar Egeu, passam pela ilha de Samotrácia e chegam ao porto de Neápolis. Dali seguem pela via Egnátia até chegar a Filipos (At 16,11-12). Esta caminhada é de mais ou menos dezesseis quilômetros.

Eles têm uma estratégia missionária: procurar em primeiro lugar uma sinagoga e aí iniciar o trabalho de evangelização. No entanto, para sua surpresa, não há sinagoga em Filipos. É provável que não houvesse o mínimo de dez homens judeus para formá-la. Todavia, Paulo e seus companheiros ficam sabendo que fora da cidade, às margens do rio que passa pela região, o Gangites, um grupo de pessoas, provavelmente simpatizantes da religião judaica, costumava fazer suas orações em dia de sábado. Os três se dirigem até o local, encontram um grupo de mulheres e a elas anunciam a boa nova.

O livro de *Atos* nos conta que uma delas se sente tocada com a mensagem: é Lídia, mulher estrangeira, natural da cidade de Tiatira, na Ásia Menor (At 16,13-15). Seu trabalho consiste em tingir tecidos com a púrpura. Existem duas formas de conseguir esse corante. A primeira era por meio de um caramujo marinho. Dele se extraía a púrpura animal. Essa extração era caríssima; somente reis e pessoas das camadas mais ricas da sociedade conseguiam comprar os tecidos tingidos dessa forma. A segunda forma de extração,

mais barata, era a vegetal. Provavelmente, era com a púrpura vegetal que o grupo de Lígia trabalhava. Esse tipo de atividade, pesada e causadora de muita sujeira, era feito, de modo geral, nas periferias das cidades por pessoas que aí moravam.

Lídia se deixa batizar e convida Paulo, Silas e Timóteo para se hospedarem em sua casa. A comunidade cristã de Filipos está nascendo. É bom notar que ela nasce fora dos lugares oficiais de oração, como os templos e as sinagogas. Além disso, nasce na casa de uma mulher, e elas serão líderes comunitárias. Paulo se refere a duas delas, Evódia e Síntique, da seguinte forma: *porque me ajudaram na luta pelo Evangelho, em companhia de Clemente e dos demais auxiliares meus, cujos nomes estão no livro da vida* (Fl 4,3).

Outra característica da comunidade de Filipos é a solidariedade. Quando Paulo estava preso, a comunidade lhe enviou uma quantia de dinheiro para auxiliar em suas necessidades. O emissário foi Epafrodito, que ficou um tempo com Paulo auxiliando-o em suas necessidades (Fl 2,25-30). Com a mesma solicitude, a comunidade socorreu as comunidades pobres de Jerusalém num momento de penúria (Fl 4,10-20).

Parece que essas características fizeram com que Filipos ocupasse lugar especial no coração de Paulo. Além do mais, é a primeira comunidade que Paulo ajuda a fundar em terras européias depois de ter deixado a cidade de Antioquia e se separado de Barnabé. Sem dúvida, isso marcou Paulo. Segundo as palavras do apóstolo, os filipenses brilham como luz do mundo, perseverando na palavra da vida (Fl 2,15-16).

Contudo, a comunidade cristã de Filipos não é perfeita. Nela parece haver diferenças sociais. Entre seus membros encontramos pessoas que possuem cidadania romana e pessoas que não a possuem; pessoas pobres e pessoas escravas. Tais divisões provocam conflitos e geram egoísmo, presunção, busca dos próprios interesses (Fl 2,3-4), murmuração, resmungos (Fl 2,14) e disputas (Fl 4,2). Paulo, porém, se dirige a todos os membros com afeto e os convida à harmonia e ao cuidado mútuos para superar os problemas da comunidade.

Olhemos essas mensagens mais de perto.

As mensagens

Laços de amor e ternura: Fl 1,3-11

Paulo estabelece com a comunidade cristã de Filipos um relacionamento de afeto, de amor e de carinho: *Deus me é testemunha de que vos amo a todos com a ternura de Cris-*

to *Jesus* (v.8). O estreitamento dos laços fraternos entre os membros da comunidade é fonte de evangelização. Paulo pede que a comunidade cresça no amor; amor que não é somente sentimento nem emoção, mas também atitude, solidariedade, compromisso que deve existir entre cristãos e cristãos. O amor mútuo e aberto a todos/as deve crescer em conhecimento e sensibilidade, o que significa que reconhecem o que precisa ser feito. O amor mútuo ajudará a discernir o que é importante na construção do projeto de Deus.

Cristo ser engrandecido no meu corpo, pela vida e pela morte: Fl 1,12-30

Paulo está preso em Éfeso, e a comunidade cristã de Filipos está preocupada com ele. O apóstolo escreve à comunidade para confortá-la e mostra que sua prisão não foi um empecilho para o anúncio da boa nova. Pelo contrário. Como prisioneiro, Paulo teve chance de dizer às autoridades romanas o motivo de sua prisão, dando assim testemunho do Senhor publicamente. No entanto, a prisão não é o único problema de Paulo em Éfeso. A comunidade cristã dessa cidade parece que está dividida em relação ao apóstolo. Alguns não aceitam muito bem sua liderança, nem o fato de um evangelizador ser prisioneiro. Outros pensam que Paulo deveria escolher o martírio, pois isso provaria seu compromisso com o Evangelho, até as últimas conseqüências.

Diante de tudo isso, Paulo ainda afirma que para ele o *viver é Cristo e morrer é lucro*. Porém, ele não pode escolher a morte, uma vez que está convencido de que sua presença e seu trabalho missionário ainda são importantes para a comunidade de Filipos e para a expansão da boa nova. Paulo afirma: *Pois vos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crer nele, mas também de por ele sofrer, empenhados no mesmo combate em que me vistes empenhado e em que, como sabeis, me empenho ainda agora* (vv.29-30).

Cristo Jesus assume a condição de escravo: Fl 2,1-18

Quando a cidade de Filipos foi romanizada, em 31 a. C, foram levados para lá muitos ex-militares, colonos e comerciantes que viviam em Roma. Essas pessoas adquiriram terras e oportunidades para melhorar sua situação social. A busca por riqueza e reconhecimento social, *honras públicas e privilégios* moviam os romanos recém-chegados. O tempo

passou, mas o espírito da competição continuava a reinar em Filipos, colônia romana, cujos habitantes eram verdadeiros adoradores da moda romana em todos os sentidos: *levai uma vida de cidadão romano*.

Na comunidade cristã de Filipos, a maioria de seus membros é de pessoas pobres e escravizadas. Uma pessoa podia ser escrava por ter sido feita prisioneira, por ter nascido de mãe escrava ou por endividamento. A maioria dessas pessoas poderia ter sido antigos comerciantes ou pequenos proprietários, cujos estabelecimentos e terras foram confiscados pelo Império. Segundo recente pesquisa histórica e arqueológica, o número de cristãos de Filipos estava entre cinquenta a cem pessoas, das quais 35% eram romanas. Nenhuma outra comunidade fundada por Paulo teve um número tão grande de romanos. É inevitável que o espírito de *competição*, presente no contexto do Império Romano, tenha entrado na comunidade, provocando rivalidade, porfia, inveja e outros sentimentos afins. Sem contar que já existia na comunidade atritos e desprezo aos cristãos sem cidadania romana (vv. 1-4).

Paulo sabe que essa mentalidade e problemas estão presentes na comunidade. É preciso superá-los. Ele, então, apresenta como modelo o exemplo de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado no *Hino ao Cristo*, um hino cristão muito antigo (vv. 6-11). Para os cristãos, o sofrimento e a morte do Servo Jesus, a exemplo do servo sofredor de Isaías (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12), não são castigos e nem projeto de Deus, mas conseqüências da prática de justiça e solidariedade, do seu amor e da sua fidelidade à missão que lhe foi confiada pelo Deus da vida e do seu compromisso extremo com as pessoas crucificadas e humilhadas. É exatamente na cruz que a mudança acontece. Deus exalta o servo e lhe dá um nome superior a todos os outros, justamente àquele que foi crucificado e considerado impuro e maldito aos olhos do modelo social dominante. O nome que ele recebe é Senhor, *Kyrios*. Seu senhorio, entretanto, manifesta-se no serviço e no amor/caridade a todas e todos. Ao assumir a condição de escrava/o em relação aos outros, a comunidade cristã terá o rosto do servo Jesus, Senhor Cristo. Em fim, esta é a maneira de a comunidade brilhar como astro no mundo, e ser mensageira da Palavra de vida (vv.15-16).

A solidariedade sustenta o cotidiano da missão: Fl 2,19-30

Naufrágios, tempestades, animais ferozes, doenças, perseguições, prisões, violência, descrédito, ciúmes, inveja...

esse é o cotidiano da missão. Paulo sofreu tudo isso e, a partir de sua experiência, ficou com uma certeza: a solidariedade e o trabalho em equipe nas viagens missionárias e na vida comunitária não podem faltar. Tal experiência foi compartilhada nas suas comunidades. Frequentemente Paulo as visitava, mandava cartas e enviava colaboradoras/es para apoiá-las, animá-las em seus problemas. Da mesma forma, Paulo recebia apoio das comunidades.

Epafras, por exemplo, foi enviado com a missão de entregar uma ajuda financeira da comunidade de Filipos a Paulo, preso em Éfeso, e para atender o apóstolo em suas necessidades. A assistência de Epafras foi essencial. Mas ele ficou doente e fragilizado, com saudades de casa, e quis voltar. Paulo deve ter ficado num impasse. Precisava da presença de Epafras, mas não queria forçá-lo; então, ele se apressa a enviá-lo. Sabe que a comunidade ficará feliz, e ele também, com a recuperação de seu colaborador. Nessa atitude, podemos constatar a sensibilidade de Paulo e o forte laço que une Paulo, Epafras e a comunidade de Filipos. Fl 2,19-30 nos coloca em contato com pessoas reais, de carne e osso. O compromisso com a evangelização não as tornou pessoas frias e insensíveis. Pelo contrário, a adesão à boa nova fez desabrochar o que de melhor existia em cada uma delas.

Cuidado com os cães, cuidado com os falsos circuncidados: Fl 3,1b-4,1

A boa nova de Jesus foi anunciada, inicialmente, ao povo judeu. A tradição religiosa desse povo exige o cumprimento da Lei de Moisés, que incluía, entre outras práticas, a observância do sábado, a circuncisão e os ritos de purificação. Os judeus que aderiram ao projeto de Jesus continuavam cumprindo essas obrigações religiosas. Com o passar do tempo, pessoas de cultura greco-romana também aderiam ao projeto de Jesus, formando-se, assim, comunidades cristãs com pessoas de origem judaica e com pessoas de origem gentia. Aí conviviam juntos à mesa, cada grupo procurando mostrar respeito para com o outro, de forma que a convivência e a prática do amor fraterno não fossem prejudicadas. Foi esse modelo de vida cristã que Paulo experimentou após sua adesão a Jesus. Ele, que, no passado, pertencia ao grupo dos judeus fariseus e seguia rigorosamente a Lei do seu povo, estava convicto de que seguir Jesus era viver a grande lei do amor solidário.

No entanto, judeus cristãos, muitos de origem farisaica, insistiam em continuar com suas tradições religiosas. Além disso, queriam obrigar os cristãos gentios a fazerem o mesmo. Isso começou a ser um problema nas comunidades, especialmente, em relação à circuncisão. No mundo greco-romano, essa prática era vista como uma humilhação para os homens. Paulo era contra a imposição dessas práticas a cristãos gentios. Por essa razão, as comunidades animadas por ele sofreram pressão dos judeus cristãos apegados à Lei, isto é, os judaizantes. Para os judaizantes, o anúncio evangélico que Paulo fazia, centrado na cruz de Cristo e na liberdade diante da Lei, era uma traição à origem judaica. Paulo se depara com esse grupo nas comunidades de Corinto e da Galácia. O próximo alvo parece ser a comunidade de Filipos. Paulo vai defender sua comunidade com muita energia.

Ao abraçar a boa nova, Paulo não se vangloria mais por cumprir os rituais e as normas da Lei. Ele entende o que significa o verdadeiro culto a Deus. Por isso, o que ele considerava lucro passou a considerar perda, após o encontro com Cristo crucificado e ressuscitado. As leis referentes a rituais não têm mais a palavra final. O que vale, agora, é a nova lei do amor.

Ainda hoje, há muitas pessoas apegadas a práticas religiosas de maneira legalista. Pensam que a vida cristã se resume a seguir regras e normas, e se esquecem do essencial: o amor, o respeito, o perdão, a solidariedade, a justiça... Para essas pessoas, cumprir os rituais religiosos vale mais do que se comprometer com os valores que geram vida.

O Senhor está próximo: Fl 4,2-9

Em grego, o termo *parusia* significa *chegada* ou *retorno*. Paulo, por exemplo, alegrava-se com a *parusia* de colaboradores como Acaico, Estéfanos e Fortunato em 1Cor 16,17. Ele próprio falava da sua *parusia* em Fl 1,26; 3,21; 4,5. Em seu contexto antigo, *parusia* significa a chegada, às cidades, de generais conquistadores, oficiais importantes, emissários imperiais e, sobretudo, do imperador. Para muitas pessoas era um fato inédito, especialmente, se é o imperador quem chegaria. Logo, é um momento de grande expectativa. Porém, nas primeiras comunidades cristãs o mesmo termo é utilizado para falar da Segunda Vinda do Senhor; o verdadeiro *Kyrios*, o Senhor do mundo e não o imperador ou um dos seus representantes. As comunidades acreditam e desejam entrar no Reino dos Céus junto com o Senhor Cristo Jesus (Fl 3,20-21).

Paulo convida a comunidade a dar um alegre testemunho de vida, a partir de uma convicção que ele nutre, como muitos do seu tempo, de que Jesus voltará a qualquer momento. No entanto, para Paulo, a espera pelo retorno do Senhor não pode ser passiva. Pelo contrário, a comunidade deve preparar essa vinda enfrentando e resolvendo seus problemas de discórdias, de disputas, de competição. Precisa, ainda, dar testemunho pela coerência no modo de agir e buscar forcas na oração. Dessa forma, a comunidade já vive a presença do Senhor porque experimenta a paz, fruto do amor solário entre irmãos e irmãos.

Viver a solidariedade e a gratuidade em comunidade:
Fl 4,10-20

A sociedade greco-romana é uma sociedade centrada no comércio e no lucro, ou seja, na perspectiva da compra e venda (Ap 18,11-13). Nesse modelo social, não há lugar para gestos gratuitos. É importante notar, também, que a simples posse da riqueza nada significa. O rico deve ser um benfeitor e distribuir parte da sua riqueza, pois, assim, passa a ser reconhecido socialmente (Lc 22,25). Toda doação ou donativo é um gesto público, que torna o doador superior às demais pessoas, alguém que deve ser honrado. Quem se beneficia tem a obrigação de demonstrar gratidão e retribuir a dádiva.

No entanto, a comunidade cristã de Filipos tem outro tipo de prática. Ela presta auxílio a Paulo em momento de necessidade. O gesto é fruto da experiência que a comunidade faz da boa nova. Ela se organizou e criou um fundo comum, um tipo de *caixa comum*, de forma que todos os membros contribuíssem. Além disso, formaram uma comissão responsável por encaminhar a oferta, também de forma coletiva. A comunidade experimenta, agora, um novo tipo de relacionamento baseado na solidariedade e na gratuidade. O *dar e receber*, próprio do modelo greco-romano, está sendo superado.

Quanto à ajuda recebida dessa comunidade cristã, Paulo faz questão de afirmar que *nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente* (v.15). Ele reconhece a oferta e diz que ela *é um perfume de suave odor, sacrifício aceito e agradável a Deus* (v.18). Essa expressão, que remete aos rituais de sacrifício do Primeiro Testamento, demonstra como Paulo vê essa contribuição. Por isso, somente Deus, em Cristo Jesus, saberá retribuir, de uma

maneira muito superior, tudo o que a comunidade filipense fez para anúncio da Boa Nova (v.19). Terminando a correspondência de agradecimento, Paulo reconhece que tudo o que foi feito acha o seu sentido e significado final, na glória de Deus: *E ao nosso Deus e pai seja a glória pelos séculos dos séculos! Amém* (v.20).

Uma palavra final: *Alegrai-vos sempre no Senhor*

A Carta aos Filipenses é *costurada* com o fio da alegria. Nela, Paulo *dá graças a Deus*, mostra-se alegre, mesmo em meio às perseguições e incompreensões. Do início ao fim, ele convida a comunidade a cultivar a alegria: a vida cristã é uma vida que deve ser vivida na alegria, pois está fundamentada na livre opção de seguir o Cristo crucificado, que, por amor, entrega a sua vida. Sem dúvida, esse princípio marca o trabalho missionário desenvolvido por ele.

Conforme a compreensão de Paulo, em Cristo Jesus crucificado e ressuscitado, a lei foi superada pela graça e pelo amor. A alegria cristã está alicerçada no caminho e na salvação de Cristo Jesus: *Alegrai-vos sempre no Senhor*. A alegria deve nortear e animar toda a vida das/os cristãos, especialmente o anúncio do Evangelho, mesmo em meio aos sofrimentos. Por isso, a espera pela vida do Senhor não pode ser passiva; cada pessoa é chamada a viver seu compromisso com o Evangelho da Cruz.

Hoje, ainda há muitas pessoas apegadas às normas e preceitos como meios de alcançar a *cidade nos céus*, a vinda do Salvador, o Senhor Jesus Cristo (Fl 3,20). Tais pessoas parecem preocupadas, somente, com a sua salvação individual: *cada um por si e Deus por todos*. Pensam que a vida cristã se resume em seguir regras e normas, esquecendo-se do essencial, que é a prática do amor, do respeito, do perdão, da justiça, da solidariedade e da misericórdia. Dessa prática, nasce a verdadeira alegria.